

**A RELAÇÃO DA ESTRUTURA FAMILIAR E O DESENVOLVIMENTO DA  
ANSIEDADE INFANTIL<sup>I</sup>  
THE RELATIONSHIP OF FAMILY STRUCTURE AND THE DEVELOPMENT OF  
CHILDHOOD ANXIETY**

Amanda Schlee Villa Emerick<sup>II</sup>

Maria Loreni Rosso<sup>III</sup>

**Resumo:** Este estudo apresenta como tema a compreensão da estrutura familiar e o desenvolvimento da ansiedade infantil. Enquanto objetivo geral pretende-se verificar na literatura como ocorre a relação entre a estrutura familiar e o desenvolvimento da ansiedade infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que os dados coletados foram provenientes de uma pesquisa bibliográfica e analisados com vistas a responder aos objetivos propostos para este estudo. Os resultados apontam que a família é considerada como o primeiro meio social no qual o sujeito desenvolve relações que funcionam como base para as conexões e relações futuras. Os períodos de transição familiares, assim como alguns elementos da dinâmica familiar emergiram como possíveis ocasionadores de disfuncionalidades familiares que influenciam no desenvolvimento da ansiedade infantil. Conclui-se que fatores ambientais, genéticos e psicossociais; as influências dos ciclos vitais familiares e os elementos da dinâmica familiar tais como regras, normas, comunicação e as interações conjugais, são características da estrutura familiar que quando presentes de uma maneira desajustada, corroboram para o desenvolvimento da ansiedade na infância.

**Palavras-chave:** Dinâmica familiar. Transtorno de ansiedade – infantil. Relações familiares.

**Abstract:** This study has as its theme the understanding of family structure and the development of childhood anxiety. As a general objective, it is intended to verify in the literature how the relationship between family structure and the development of childhood anxiety occurs. It is a qualitative research, and the data collected came from a bibliographic research and analyzed in order to respond to the objectives proposed for this study. The results indicate that the family is considered as the first social environment in which the subject develops relationships that function as a basis for future connections and relationships. And that family transition periods, as well as some elements of family dynamics, emerged as possible causes of family dysfunctions from which they influence the development of childhood anxiety. It is concluded that environmental, genetic and psychosocial factors; the influences of family vital cycles and elements of family dynamics such as rules, norms, communication and marital interactions, are characteristics of the family structure that when present in the family in an inappropriate way, corroborate the development of anxiety in childhood.

---

<sup>I</sup> Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em Psicologia, como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo (a) pela Universidade do Sul de Santa Catarina, 2020.

<sup>II</sup> Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: amanda98villa@gmail.com.

<sup>III</sup> Orientadora. Mestre em Educação pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Professora Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

**Keywords:** Family dynamics. Anxiety disorder. Family relationships.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema a compreensão da estrutura familiar e o desenvolvimento da ansiedade infantil, buscando identificar o quanto a interação entre os membros da família e a estrutura familiar podem contribuir para tal; verificando também os elementos da dinâmica familiar que podem favorecer o desenvolvimento da ansiedade infantil.

Para isso, faz-se necessário compreender que, a família é um dos primeiros sistemas criados na sociedade e, durante todo o período histórico tem sofrido mudanças, sendo considerada um dos principais contextos a promover o desenvolvimento humano. É na família que iniciam as relações que servirão como base para a constituição das outras relações nos diversos espaços; é nesse ambiente que padrões de interação, linguagem, valores, costumes, hábitos são transmitidos. Segundo Dessen e Polonia (2007), o sistema familiar é considerado a matriz da identidade responsável pelo processo de socialização infantil, o qual contribui para o desenvolvimento da personalidade, possibilitando a aprendizagem das resoluções de conflitos, controle das emoções, a lidar com o diferente e com as dificuldades da vida.

Para compreender família é necessário entender sua concepção, estruturação e a relação dela com o ambiente interno e os sistemas externos. O conjunto familiar é mais que a soma das partes, portanto a visão sobre ela precisa ser na sua totalidade; observando as influências que os próprios membros provocam entre si e os fatores externos que a influenciam.

Sendo assim, é possível afirmar que, mudanças provocadas pelos membros do sistema familiar, tanto na ordem comportamental quanto psíquica, podem ser influenciadas pela estrutura familiar. Essa estrutura é constituída pelos padrões de interações, formação de alianças, normas, funcionamento, limites e as exigências funcionais. (GALPERIM, 2014; JANSEN, 2007; MIOTO, 1998; STAMM; MIOTO, 2003).

Segundo Matos *et al.* (2015), a estrutura familiar quando disfuncional, sendo associada à imprevisibilidade, influência genética, ambiente e ansiedade dos pais, pode promover a ansiedade infantil. O desenvolvimento da ansiedade na infância pode acarretar em prejuízo no funcionamento normal das crianças, podendo levar a prejuízos imediatos e também a longo prazo. Se não houver tratamento logo na infância, o transtorno e suas comorbidades podem acompanhar o sujeito ao longo da vida.

Nesse sentido, a ligação da criança com a família é normalmente muito presente e assídua, por isso supõe-se que o tratamento da ansiedade infantil deve estender-se também ao sistema familiar. Ferriolli, Marturano e Puntel (2007), afirmam que sintomas psiquiátricos comuns em crianças, têm sido associados a aspectos familiares, fatores como exposição precoce a ambientes incontroláveis, acúmulo de eventos adversos, ter um dos genitores com diagnóstico do mesmo transtorno, apresentar comunicação intrafamiliar inadequada ou confusa, regras incoerentes e rígidas, papéis familiares indefinidos, rígidos ou ausentes, demonstração de afeto sem carga emocional ou ausente, entre outros fatores.

Diante deste contexto, o presente estudo partiu do seguinte objetivo geral: verificar na literatura como ocorre a relação entre a estrutura familiar e o desenvolvimento da ansiedade infantil, tendo como objetivos específicos: descrever como a interação entre os membros do sistema familiar pode contribuir para o desenvolvimento da ansiedade infantil; identificar a influência da estrutura familiar no desenvolvimento da ansiedade infantil, e identificar elementos da dinâmica familiar que possam contribuir para o desenvolvimento da ansiedade infantil.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

A seguir será apresentada a revisão contextual que fundamenta o presente estudo: uma revisão sobre a interação entre os membros familiares, destacando-se a relação entre a estrutura e os elementos da dinâmica familiar que podem contribuir com o desenvolvimento da ansiedade infantil.

### **INTERAÇÃO ENTRE OS MEMBROS DA FAMÍLIA E O DESENVOLVIMENTO DA ANSIEDADE INFANTIL**

Para melhor compreender a relação existente entre as interações dos membros do sistema familiar e o desenvolvimento da ansiedade infantil, faz-se necessário, inicialmente, entender ansiedade como sendo um sentimento presente na maioria das pessoas e caracteriza-se como uma antecipação de aspectos acerca do futuro podendo gerar desconforto físico e psíquico. Castillo (2000, p. 1) afirma que ansiedade é como “um sentimento vago e desagradável de medo, apreensão, caracterizado por tensão ou desconforto derivado de antecipação de perigo, de algo desconhecido ou estranho”. Porém quando passa a ser exagerada

e desproporcional em relação ao estímulo, torna-se patológica, e passa a ser descrita como Transtorno de Ansiedade (TAs).

Conforme o Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-V), Transtorno de Ansiedade (TAs) pode ser compreendido como uma patologia que possui características de medo e ansiedade excessivos e perturbadores. Esses sentimentos sobrepõem-se, mas também se diferenciam. O medo está associado a períodos de excitabilidade, com momentos de luta ou fuga e pensamentos de perigo imediato. Já a ansiedade está associada à tensão muscular e estado de vigilância em relação a perigos futuros, apresentando cautela ou esquiva (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Na base dos transtornos ansiosos estão presentes modificações, conforme Assis *et al.* (2007), que podem ser tanto fisiológicas quanto emocionais. As fisiológicas ocorrem apresentando aceleração cardíaca, tensão muscular, sudorese, maior intensidade do fluxo sanguíneo, também alterações cognitivas com antecipação de eventos desastrosos. Quanto às motivacionais podem ocorrer através do desejo de fuga do ambiente/situação estressora, podem ser afetivo-emocionais apresentando sentimentos e crenças de medo/terror e, por fim, comportamentais. Essas modificações podem ocorrer com todo o sujeito que apresente o transtorno, sendo assim podem aparecer em crianças, visto tratar-se de uma patologia que pode vir a afetar todas as idades.

Para que haja uma melhor compreensão sobre a interação entre os membros da família e o desenvolvimento da ansiedade infantil, faz-se necessário compreender a família e suas inter-relações. De acordo com Miotto (1998), a unidade familiar pode ser compreendida como um sistema aberto e em constante evolução, não podendo ser denominada ou definida com um único conceito, pois, com o caminhar e construção da sociedade essa temática possui hoje diversificadas definições. Pesquisadores que estudam sobre o assunto apresentam sua compreensão a partir diversas abordagens teóricas.

A concepção de família é vista como um sistema, e esse pode ser definido por Bertalanffy (1976 apud MOTTA, 2008, p. 306) como um “complexo de elementos em interação mútua” formado por subsistemas, inseridos em sistemas maiores. Nesse sentido, os subsistemas podem ser compreendidos como um componente da estrutura familiar, e segundo Minuchin, Colapinto e Minuchin (1999), dentro da família existem muitos deles. De cada relação formada pode haver um subsistema como, por exemplo, as relações entre pais e filhos, denominada subsistema parental; entre os irmãos, fraternal e entre os cônjuges, conjugal. Desenvolvendo em cada espaço desses, regras e limites explícitos e implícitos estabelecidos pelos participantes dessa relação, que funciona como um regulador. Jansen (2007) corrobora que um mesmo sujeito

pode transitar entre vários subsistemas. As interações que acontecem entre os membros da família não acontecem sem uma organização, para Miotto (1998) esses padrões são mantidos através de regras universais que regulam essas famílias e de outras regras criadas por cada unidade familiar, que são estabelecidas mediante expectativas mútuas de seus membros.

A família, sendo assim, é um contexto de interação dinâmico que sofre influências dos membros participantes do núcleo familiar, assim como dos fatores externos, como ambientes, instituições, sociedade e cultura. Com isso, quando se fala de ansiedade infantil e as interações familiares, alguns fatores são apontados como os possíveis motivos do desenvolvimento da ansiedade na infância, sendo esses aspectos multifatoriais ocasionados por influência genética, variáveis ambientais, fatores familiares, relações entre pais e filhos, conflitos conjugais, a comunicação, entre outros.

Dias (2011, p. 147) esclarece que “a família é um sistema, ou seja, um conjunto de elementos ligados por um conjunto de relações em contínua relação com o exterior e mantendo o seu equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento percorrido através de estados de evolução diversificados”. Portanto cabe à família buscar desenvolver a capacidade de construir equilíbrio, entre aquilo que opera internamente e o que vem de forma externa, permeando entre mudança e estabilidade, com objetivo de desenvolver um sistema equilibrado e que busque a continuidade familiar (JANSEN, 2007).

A família, além do seu caráter dinâmico e influenciador dos comportamentos dos indivíduos, é considerada como o principal meio para o desenvolvimento humano. É através da família que os sujeitos estabelecem as primeiras relações que servirão como modelo para a construção de novos vínculos nos diversos espaços. É dentro do contexto familiar que são transmitidos os padrões de funcionamento, atitudes e hábitos, os quais auxiliam o sujeito a elaborar um repertório para resolver os conflitos, controlar as emoções e lidar com as dificuldades.

Sendo assim, a família como grupo social que apresenta caráter de interdependência, influencia os comportamentos uns dos outros, através das inter-relações e padrões de funcionamentos estabelecidos entre os membros da unidade familiar, quando disfuncionais essas interações podem levar ao desenvolvimento da ansiedade infantil.

## A ESTRUTURA FAMILIAR E O DESENVOLVIMENTO DA ANSIEDADE INFANTIL

A estrutura familiar é compreendida, segundo Minuchin (1982 apud MIOTTO, 1998, p. 57), como “o conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais

os membros da família interagem”. Sendo assim, Minuchin (1990) compreende família a partir de uma ideia sistêmica, que possibilita um olhar para conexões e padrões de interação, ou seja, a maneira como os membros influenciam uns aos outros e o fato dessa instituição passar por momentos de mudança e estabilidade. Assim, desenvolver uma compreensão sobre essas ideias é fundamental para compreender sua formação. À medida que ela vai se constituindo, são fomentados padrões de interação que se tornam organizados, recorrentes e padronizados.

A partir dessas interações, pode-se observar a atuação da família como um grupo, possibilitando a compreensão da comunicação intrafamiliar, a maneira como cada sujeito assume os seus diversos papéis (como pai, filho, esposa, marido, irmão, etc.), como se estruturam as regras e as resoluções de conflitos familiares, e quando surgem essas divergências como aparecem as hierarquias e a interação do grupo. O núcleo familiar vive a interdependência, o que significa que uma alteração em um dos membros repercute no sistema como um todo. Dentro dessa compreensão, Jansen (2007) explica que tais aspectos possibilitam a família permear entre estabilidade e mudanças, estabelecendo regras que organizam o sistema familiar.

Os membros familiares costumam buscar em seu repertório os padrões estabelecidos até o momento, para assim formarem novos padrões que se adequem a um novo período. As mudanças que acompanham os sujeitos durante a história da família são denominadas de ciclos vitais, e podem contribuir para o desenvolvimento da ansiedade infantil.

Transições têm a ver com o ciclo normal do desenvolvimento, sendo assim, Minuchin, Colapinto e Minuchin (1999) compreendem que ajustes nos padrões de funcionamento precisam ser feitos para que a unidade familiar apresente maior funcionalidade. A família como um sistema aberto, que possui um ciclo vital, para Miotto (1998) está em constante modificação em sua estrutura, sofrendo influências de ordem interna dos seus membros e externa dos outros sistemas. Nesse processo familiar, está presente a tendência por um lado ao crescimento, que leva a família a sair do lugar no qual está, para realizar um movimento, e por outro, a tendência à continuidade de padrões repetitivos. O equilíbrio entre esses dois mecanismos é o que promove uma família mais funcional. Segundo Miotto, (1998 p. 22) “a ativação excessiva de uma ou outra tendência propicia o surgimento de padrões disfuncionais de relacionamento que comprometem a própria organização familiar [...]”. Portanto fatores como esses, do qual a família necessita acomodar e adaptar-se a novas realidades que surgem influenciam a estrutura familiar e podem acarretar no desenvolvimento da ansiedade infantil pela propiciação do surgimento de exigências e padrões disfuncionais.

Portanto, percebe-se que a estrutura familiar é ampla e composta de padrões de funcionamento que regulam a família, por mais que exista uma certa padronização nos conceitos, cada unidade familiar é única e responde mediante seus padrões construídos a partir das inter-relações, Minuchin, Colapinto e Minuchin (1999, p. 24) afirmam que “a maioria dos padrões familiares é particular, desenvolvida com o tempo no próprio ambiente familiar”. Essas mudanças na estrutura podem ser funcionais ou não, conforme o nível de flexibilidade de cada família em adaptar-se diante das alterações da vida.

Em função do que foi apresentado até o momento e, para que haja uma melhor compreensão sobre a relação existente entre a estrutura familiar e o desenvolvimento da ansiedade infantil serão apresentados a seguir alguns elementos que podem contribuir para o surgimento e desenvolvimento da ansiedade na infância.

#### ELEMENTOS DA DINÂMICA FAMILIAR QUE PODEM CONTRIBUIR COM O DESENVOLVIMENTO DA ANSIEDADE INFANTIL

A dinâmica familiar para Miotto (1998, p. 24) diz respeito “às relações que vão se estabelecendo entre os membros da família no decorrer do tempo” e em meio a essas relações, alguns elementos podem contribuir para o desenvolvimento da ansiedade infantil. Dentre esses os limites e regras familiares, a comunicação, a interação conjugal e os padrões de funcionamento, que refletem as hierarquias, são elementos que quando apresentados de maneira adequada proporcionam à família maior funcionalidade, porém segundo Milanez *et al.* (2019), quando regras e limites são difusos e não coesos, comunicação incongruente, relação conjugal prejudicada, a unidade familiar tende a funcionar de maneira mais disfuncional, promovendo um ambiente estressor, podendo contribuir para o desenvolvimento da ansiedade na infância.

Segundo Leão, Ferreira e Cenci (2014) a comunicação é também definidora de papéis, fronteiras e comportamentos e exige da família sempre seu aperfeiçoamento para que ela seja fluída, quando tal não ocorre, pode ocasionar em disfuncionalidades no sistema familiar. A interação conjugal saudável é também indispensável para o bom funcionamento familiar e quando não está bem ajustada pode ocasionar estresse no ambiente e em seus membros e ainda provocar situações antigênicas aos mesmos. Leão, Ferreira e Cenci (2014) também corroboram que as regras e normas quando bem delimitadas e estabelecidas, onde os papéis estão bem definidos, auxiliam no contexto familiar, quando isso não ocorre, acaba não sendo facilitador ao desenvolvimento da saúde emocional dos seus membros, principalmente das crianças. Os padrões de funcionamento das hierarquias precisam ser estabelecidos, todavia quando rígidas

não estabelecem um espaço para os sujeitos desenvolverem autonomia, e obterem um ambiente para serem eles mesmos. No processo e construção da individualização, a falta de diferenciação pode ser uma possível causa do desenvolvimento da ansiedade na infância.

Segundo Milanez *et al.* (2019, p. 9), “as regras são diretamente relacionadas com o desenvolvimento emocional sadio dos membros da família”, quando as regras e os papéis familiares não são claros e coerentes e bem definidos pelos pais, isso pode fazer com que a criança não consiga estabelecer vínculos sociais sólidos que é a base para estabelecer as relações sociais futuras, podendo ser um elemento antigênico para a mesma dentro do ambiente familiar.

Nessa perspectiva compreende-se que a comunicação é um fator determinante quando a questão é saúde emocional do grupo familiar e um elemento que pode levar ao desenvolvimento da ansiedade. Ela possui um caráter de transmissão de informações e também define a natureza das relações familiares. Diante desse cenário, Milanez *et al.* (2019) esclarecem que uma comunicação incongruente em que um contraria o outro, ou confusa com frases incompletas e pouco explícitas por seu emissor, ou uma fala sem direcionalidade adequada e sem carga emocional, acaba por se configurar como uma comunicação disfuncional que acarreta prejuízo ao contexto familiar.

No que diz respeito às interações conjugais, é possível afirmar que as interações familiares são essenciais para o desenvolvimento infantil. Essa interação supracitada e suas repercussões, por exemplo, auxiliam na construção emocional dos membros da família, Stamm e Mito (2003) corroboram com a descrição de que as interações conjugais como um modelo relacional são influências na transmissão de valores, hábitos e padrões de funcionamento. Sendo assim, o sistema conjugal torna-se referência para o desenvolvimento dos filhos, podendo promover uma projeção de comportamentos, emitidos dentro desse subsistema, nas relações íntimas futuras dos sujeitos em desenvolvimento. Com isso, quando há disfunção dentro dos subsistema, toda a família pode ser atingida.

Nessa dinâmica, os resultados do estudo de Minuchin, Colapinto e Minuchin (1999) apontam que determinados padrões de funcionamento regem a família, um deles é o que reflete as hierarquias, que estão presentes em todas as famílias e se delimita como outro elemento. Elas definem a forma como será realizada a tomada de decisão e o controle sobre os comportamentos dos membros. Esse padrão modela a variação entre harmonia e conflito, na medida em que os sujeitos crescem, as hierarquias acabam sendo desafiadas; contudo quando flexíveis e claras, funcionam bem. Percebe-se, portanto, que em algumas famílias os pais até submetem a autoridade em áreas da vida dos filhos, mas ao mesmo tempo promovem para eles certa autonomia, o que faz com que haja um crescimento com maior possibilidade de ajustes,



estabelecendo um ambiente familiar mais funcional. Quando essa hierarquia é extremamente rígida, pode apresentar uma família menos funcional e com maior dificuldade de resolver os conflitos (MINUCHIN; COLAPINTO; MINUCHIN, 1999).

Padrões de hierarquias extremamente rígidos que não permitem autonomia aos filhos são elementos que podem contribuir para o desenvolvimento da ansiedade infantil por sua falta de flexibilidade e por não possibilitar o desenvolvimento da individualização dos sujeitos. Milanez *et al.* (2019) corroboram que quando os papéis são indefinidos, inadequados e/ou ausentes pode acarretar também em disfuncionalidades familiares, funcionando como estressores, podendo levar ao adoecimento familiar e infantil.

Alguns elementos quando não presentes na dinâmica familiar podem contribuir para o desenvolvimento da ansiedade infantil, segundo Milanez *et al.* (2019) isso é possível quando a família não proporciona um ambiente de promoção a saúde emocional, no qual o sujeito não tem espaço para a comunicação, e nem um papel definido dentro do sistema familiar, e não consegue manifestar sentimentos, e nem demonstrar afetos.

## **MÉTODO**

Este estudo trata de uma pesquisa de natureza qualitativa, que busca não apenas medir um tema, mas descrevê-lo, nesta, o pesquisador apresenta os dados sem quantificar ou numerar as categorias, mas, sim, com objetivo de alcançar uma compreensão das razões e motivações subjacentes, desenvolvendo uma compreensão inicial sobre a temática (MINAYO; DESLANDES, GOMES, 2012). Prodanov e Freitas (2013, p. 70) corroboram com a compreensão de que essa abordagem de pesquisa “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e subjetivo, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”.

Tendo em vista que objeto de estudo deste trabalho foi a produção científica sobre o tema, os dados coletados foram provenientes de uma pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica objetiva levantar informações sobre temas e abordagens já trabalhadas por outros pesquisadores, analisando as contribuições teóricas sobre o problema e a temática de interesse (GIL, 2008). Segundo Marconi e Lakatos (2010), na pesquisa bibliográfica busca-se a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas.

Sendo assim, foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados, BVS Psicologia Brasil, PUBMED e Google Acadêmico compreendendo o período de março a agosto

de 2020. Para identificar as publicações indexadas nessas bases de dados, foram utilizados os seguintes descritores: transtorno de ansiedade, desenvolvimento da ansiedade, infância, dinâmica familiar, interação familiar, estrutura familiar, juntos e separados.

Como critério de inclusão, adotou-se selecionar estudos realizados com população infantil de ambos os sexos, estudos publicados na Língua Portuguesa, e outras publicações como monografias, teses, dissertações e livros. Os critérios de exclusão adotados foram: estudos realizados com a população adulta.

Todos os dados coletados foram analisados qualitativamente, de maneira que possam permitir compreender como ocorre a relação entre a estrutura familiar e o desenvolvimento da ansiedade infantil. Nessa perspectiva, Minayo (2007) explica que na análise qualitativa utiliza-se um conjunto de técnicas e instrumentos, aplicando-se, ao exame de documentos escritos, discursos entre outros, com a finalidade de uma leitura crítica e aprofundada levando à descrição e interpretação destes materiais, assim como a inferências sobre suas condições de produção e recepção.

## RESULTADO E DISCUSSÃO

Durante a pesquisa bibliográfica foram encontrados um total de 180 publicações. Depois de aplicada a pré-análise, se chegou ao resultado deste levantamento bibliográfico, para o qual foi selecionado um total de 23 publicações.

Para fins de melhor compreensão ao leitor, a interpretação e análise dos resultados obtidos estão expostas com vistas a responder aos objetivos específicos propostos para este estudo. Para tanto, são apresentadas na seguinte ordem:

- a) Interação entre os membros da família e o desenvolvimento de ansiedade infantil;
- b) Influência da estrutura familiar no desenvolvimento da ansiedade infantil,
- c) Elementos da dinâmica familiar que possam contribuir para o desenvolvimento da ansiedade infantil.

Na abordagem sobre **interação entre os membros da família e o desenvolvimento de ansiedade infantil**, verifica-se na literatura analisada que família pode ser compreendida como um sistema em interação, no qual cada pessoa apresenta sua individualidade e dinâmica interna que associada à rede de relações presente nos subsistemas, constrói famílias com interações, padrões de funcionamento e estrutura sempre diferentes. Dessa forma, entende-se que é nesse

contexto que seus membros estabelecem uma relação de interdependência, em que uma mudança na estrutura familiar pode vir a afetar a todos, ou seja, os sujeitos integrantes do contexto familiar influenciam seus membros ao mesmo tempo em que são influenciados por eles (GALPERIM, 2014; LEUSIN; PETRUCCI; BORSA, 2018; SCHUTZ, 2008; SILVA *et al.*, 2008).

Na concepção de Miotto (1998) a família deve ser percebida como um todo. Seu estudo, aponta que o olhar dirigido a esse grupo social não é de forma isolada aos seus membros, mas à interação que constroem e à forma dinâmica que se articula seus subsistemas. O autor supracitado considera família uma metáfora, à qual associa ao jogo de xadrez, sendo impossível compreender um jogo somente olhando para uma única peça, faz-se necessário olhar cada movimento e posição como um todo para que possa compreender o jogo em si, a família não pode ser compreendida somente por parte, mas, sim, pelo todo, ou seja, qualquer alteração em um dos membros afeta o conjunto familiar.

Dessa forma, percebe-se que a família é considerada como o primeiro meio social no qual o sujeito desenvolve relações que funcionam como base para as conexões seguintes. E as interações desenvolvidas nesse ambiente por um dos seus membros afeta o sistema como um todo, respeitando o processo da interdependência. Sendo assim, qualquer disfuncionalidade dentro do contexto familiar pode vir a causar o adoecimento dos seus membros. Porém nenhum fator será determinante ou estático, mas alguns elementos quando inseridos de forma desajustadas, nesse contexto, podem acentuar tal disfuncionalidades levando a psicopatologias como a ansiedade infantil.

Essa questão é evidenciada por Matos *et al.* (2015), quando abordam sobre os fatores de influência genética, biológica e ambientais. Tais autores explicam que os fatores de influência genética podem ocorrer quando os pais apresentam algum diagnóstico de quadros psiquiátricos como esquizofrenia, hiperatividade, desordens antissociais; já os fatores biológicos podem ser identificados em crianças que nasceram prematuras, desnutridas ou que apresentam algum atraso no desenvolvimento normal; e os fatores ambientais podem ser considerados como eventos estressores para as crianças afetando o modo como elas emitem respostas aos estímulos, podendo causar alterações em suas vidas que acarretam em mudanças na estrutura familiar (MATOS *et al.*, 2015). Compreende-se assim, que o ambiente familiar pode afetar a saúde social e emocional desses indivíduos.

O fator familiar é outro elemento de fundamental importância que pode dar origem à ansiedade infantil. Visto que alguns estudos apontam que a forma como se estabelece as relações entre pais e filhos, tornam-se base para a formação do próprio funcionamento interno

dos sujeitos em desenvolvimento, e ao crescer outras pessoas passam a ser influências e formam a maneira como a criança lida com a ansiedade (MATOS *et al.*, 2015; MIOTO, 1998). Face a isto, Assis *et al.* (2007) relatam que os conflitos conjugais; o relacionamento entre irmãos; as práticas educativas parentais; a crença dos pais sobre os filhos; a forma como se processa a comunicação, como cada membro assume seu papel; e a maneira que a família lida com o conflito, dentre outras contingências, são fatores que podem estar associados ao desenvolvimento de ansiedade na infância.

Diante da temática estudada, compreende-se que o desenvolvimento da ansiedade infantil pode estar relacionado à como ocorre a interação entre os membros da família, acarretando prejuízos no funcionamento normal do público em questão, dificultando principalmente as suas atividades diárias.

No que se refere a **influência da estrutura familiar no desenvolvimento da ansiedade infantil**, com base nos estudos que fundamentam este tema, compreende-se que a estrutura familiar funciona como exigências funcionais, e isso organiza todo sistema familiar, possibilitando que se delimitem dentro desse ambiente as conexões, padrões de repetição, e os subsistemas que é onde ocorrem as inter-relações familiares (MINUCHIN, 1990); MINUCHIN; COLAPINTO; MINUCHIN, 1999). Portanto, esse conjunto de exigências funcionais que organizam a maneira dos membros interagirem constitui a estrutura familiar. Neste aspecto, o estudo de Minuchin, Colapinto e Minuchin (1999), chama a atenção para o entendimento de que a estrutura familiar é mais do que fazer um mapa demonstrando quem pertence àquela família, e que esse termo está ligado aos padrões de interação recorrentes e previsíveis.

O estudo de Jansen (2007) apresenta características de suma importância, que auxiliam na compreensão de como a estrutura familiar influencia no desenvolvimento da ansiedade infantil. Em sua análise o autor supracitado ressalta que a família é um sistema dinâmico e em constante interação, e por este motivo, a estrutura familiar em meio ao tempo tende a passar por alterações nos seus padrões de funcionamento, pois com o crescimento dos seus membros sucedem acontecimentos que mudam a realidade do funcionamento familiar, e nesse momento a família sofre uma desorganização que precisa buscar maneiras para se adaptar as novas realidades. Em seu estudo Jansen (2007) constata que mudanças como essas, podem estar associadas a fatores psicossociais como desestruturação familiar, desemprego, pobreza, e aspectos ambientais, tal qual um divórcio, doença e/ou morte de algum membro da família, podem ser considerados como possíveis causalidades do transtorno de ansiedade infantil, que podem vir a perpassar a família em seu ciclo de vida.

Trazendo para esta discussão o ciclo de vida familiar e suas interfaces com o desenvolvimento de ansiedade infantil, o estudo de Minuchin, Colapinto e Minuchin (1999) faz referência aos ciclos vitais como sendo ajustes que precisam serem feitos nos padrões de funcionamento da família, buscando permear entre a estabilidade, desajuste e mudança, quando isso não ocorrer de maneira ordenada pode ser um fator de estresse familiar, sendo considerado uma influência da estrutura familiar que possibilita ao adoecimento dos seus membros.

Dentro dessa compreensão, Miotto (1998) esclarece que a família como esse sistema aberto, possui um ciclo vital, em constante modificação em sua estrutura, sofrendo influências de ordem interna dos seus membros e externa dos outros sistemas. O autor explica que nesse processo familiar, está presente a tendência ao crescimento, que leva a família a sair do lugar no qual está, para realizar um movimento.

Estudos como os de Cesar (2020) e Soares e Colossi (2016) revelam que ao longo dos ciclos vitais da família, outros fatores podem ser considerados geradores de estresse ou não nos padrões de funcionamento. Exemplos como a chegada de um novo membro da família e a forma como isso foi apresentado aos outros participantes do núcleo familiar, as questões culturais e religiosas podem ser motivo de conflitos, no qual o sujeito tem a necessidade de se distanciar ou se aproximar das crenças estabelecidas pela família de origem, fazendo que com o tempo aquela família formule a sua própria identidade. Neste contexto, infere-se que as características associadas aos ciclos vitais no sistema familiar, requer da família uma adaptação frente ao novo cenário, gerando mudanças nos padrões de funcionamento, ou não.

Já que a família é formada por diversos membros, em diferentes fases respeitando o crescimento individual de cada um, as fases não são vividas de forma isolada, mas podem se intercalar dependendo da configuração familiar vigente. Dentro dos ciclos vitais familiares existem eventos estressores que podem modificar padrões de funcionamento. Nesta linha de pensamento, Cesar (2020) complementa que determinados estressores são chamados de verticais, neles são consideradas as histórias, os mitos, os rótulos, as expectativas, as questões opressivas que constroem a família e são passados de uma geração a outra de forma explícita ou não. Os outros estressores são chamados de horizontais, quando associados às passagens de um ciclo de vida para outro e estão associados ao caráter desenvolvimental, no qual o estresse ocorre na transição de uma fase para outra. Quando o evento estressante ocorre por doenças crônicas, acidentes, desempregos, mortes, entre outros fatores semelhantes, são estressores horizontais imprevisíveis.

Nessa perspectiva, Matos *et al.* (2015) consideram que quando uma família passa por eventos estressantes seja nas transições do desenvolvimento normal, seja por fatores

ambientais, sistemas de crenças familiares, estes podem ser considerados como uma possível causalidade do transtorno ansioso na infância. Com base nos resultados apresentados, infere-se que os dois eixos de fatores estressores no sistema familiar, tanto o vertical quanto o horizontal podem influenciar no desenvolvimento da ansiedade infantil.

Na discussão sobre **elementos da dinâmica familiar que possam contribuir para o desenvolvimento da ansiedade infantil**, nos estudos como os de Féres-Carneiro (2005), Leão, Ferreira e Cenci (2014) e Milanez *et al.* (2019), alguns elementos foram encontrados como possíveis ocasionadores de disfuncionalidades familiares quando não estabelecidos na unidade familiar de maneira adequada. Entre eles cita-se as regras e normas.

Em se tratando de regras e normas de funcionamento, ressalta-se que é através dessas que são estabelecidos expectativas e limites. Assim, cada membro da família sabe o que pode e o que não pode fazer, delimitando também os papéis que cada um ocupa. Quando os membros que constituem a família conhecem e desempenham os papéis específicos, identificando as funções e posições de cada um nos subsistemas conjugal, fraternal, parental, isso se torna um facilitador para a saúde emocional do núcleo familiar. Féres-Carneiro (2005) afirma que mais importante do que ter subsistemas organizados pelos seus papéis é ter a clareza de limites entre eles.

Dessa forma, esses limites e regras são invisíveis, contudo, estão em todas as famílias. São elas que denotam a maneira em que as situações caminham, funcionando como regras estabelecidas dentro de cada subsistema, o que proporciona aos seus participantes a compreensão de limites, funções e exigências. Minuchin, Colapinto e Minuchin (1999) afirmam que as regras são caracterizadas como limiares que não devem ser ultrapassados e as condições sob as quais elas são mais permeáveis, essa permeabilidade caracteriza o quanto de acesso ou privacidade os sujeitos estabelecem nas relações. Outra característica das regras é sua nitidez, o que significa que os participantes da família têm a consciência de quais são os limites de cada relação e seu papel em cada uma delas. Sendo assim, inclui-se nessa discussão um elemento chamado de comunicação, pois uma comunicação congruente e efetiva, com regras flexíveis e liderança compartilhada, preservando a individualidade de cada sujeito se faz necessário para desenvolver um sistema familiar funcional.

Desse modo, é válido afirmar que a comunicação também define a saúde emocional dos membros da família, porque conviver em um ambiente onde há diálogo incongruente, confuso, sem direcionalidade, no qual não existe espaço para expressão de afeto, conflitos não são resolvidos, causa prejuízos no contexto familiar, uma vez que a comunicação é considerada como um fator determinante na saúde emocional dos membros que compõem a dinâmica da

família. Levando em conta tal aspecto da comunicação, Milanez *et al.* (2019) relatam que ela além de trazer uma informação, define a natureza das relações entre aqueles que se comunicam. Esclarecem que comunicação se processa no nível de relato e de ordem; quanto ao relato se transmite o conteúdo e a ordem a interpretação dessa comunicação, o que na abordagem sistêmica chamam de metacomunicação. Com base no exposto é possível afirmar, que quando a família não apresenta boa direcionalidade; uma fala com carga emocional adequada, em que afetos negativos não são revelados e situações de conflitos não têm respostas, ocorre disfuncionalidade na comunicação, o que pode ocasionar o estresse e contribuir ao desenvolvimento da ansiedade infantil.

Outro elemento levantado como influência da dinâmica familiar no desenvolvimento da ansiedade infantil foram as interações conjugais desajustadas e disfuncionais. Entende-se que disfunções nesse subsistema podem impactar diretamente a saúde emocional e física dos filhos, alterações no núcleo familiar e conflitos conjugais podem desencadear o aumento nos níveis de ansiedade na criança. Essa constatação pode ser observada e confirmada nos estudos de Milanez *et al.* (2019) e Stamm e Miotto (2003) quando relatam que as relações conjugais podem afetar o desenvolvimento, os subsistemas fraternais (irmãos) e principalmente o parental (pais) vistos como auxiliares na construção da identidade, uma vez que o sistema familiar pode ser considerado matriz de identidade que possibilita condições para a criação de bases para a subjetividade e personalidade dos indivíduos. Nesse sentido, compreende-se que os padrões de interação, o funcionamento do sistema e as relações entre os subsistemas, podem afetar o desenvolvimento emocional e psicológico dos seus membros e conseqüentemente, as interações em sociedade.

Dessa forma, Milanez *et al.* (2019) salientam que disfunções nas relações conjugais podem gerar um impacto na saúde física e emocional das crianças, produzindo também um mau funcionamento na relação entre pais e filhos. Do mesmo modo, quando a interação conjugal está disfuncional com dificuldades de comunicação, ou manifestação de papéis haverá problemas que refletirão na família como num todo, já que a unidade familiar respeita o processo de interdependência. Milanez *et al.* (2019, p. 11) afirmam que “a alteração do núcleo familiar e os conflitos conjugais desencadeiam o aumento nos níveis de ansiedade e depressão na criança”. Isto porque os padrões de funcionamento regulam a família, dentre estes as hierarquias, que definem como as decisões serão tomadas no contexto familiar e os comportamentos serão controlados (MINUCHIN; COLAPINTO; MINUCHIN, 1999).

Conforme Milanez *et al.* (2019) na dinâmica familiar, os padrões de hierarquias extremamente rígidos que não permitem autonomia aos filhos são elementos que podem

contribuir para o desenvolvimento da ansiedade infantil por sua falta de flexibilidade e por não possibilitar o desenvolvimento da individualização dos sujeitos.

Por meio dos resultados apresentados, é possível inferir que na estrutura familiar quando os papéis são indefinidos, inadequados e/ou ausentes podem acarretar disfuncionalidades familiares, funcionando como estressores, e conseqüentemente, levar ao adoecimento familiar, confirmando assim, a teoria de que há relação entre a estrutura familiar e o desenvolvimento da ansiedade infantil.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo teve como objetivo geral verificar na literatura como ocorre a relação entre a estrutura familiar e o desenvolvimento da ansiedade infantil. A partir deste estudo foi possível identificar como a interação entre os membros do sistema familiar; a influência da estrutura e os elementos da dinâmica familiar contribuem para o desenvolvimento da ansiedade na infância. Dessa forma, dos objetivos propostos para esse estudo, foram todos alcançados.

Ao descrever como a interação entre os membros do sistema familiar pode contribuir para o desenvolvimento da ansiedade infantil, verificou-se que por possuir caráter estruturante na formação dos sujeitos, a família é vista como o primeiro meio social no qual o sujeito desenvolve interações e as próximas relações. Dos fatores que estão relacionados com a causalidade do desenvolvimento da ansiedade infantil, evidenciam-se os genéticos que estão associados a atraso no desenvolvimento normal do sujeito e os psicossociais que possuem associação direta com a estrutura familiar e suas interações. Sendo assim disfuncionalidades que ela possa apresentar em alguns aspectos, afetam a família como um todo, já que ela não se movimenta de forma isolada, e sim seu movimento ocorre na interdependência, o que significa que um movimento de um dos membros afeta os outros e assim conseqüentemente, o que presume-se que interações entre os membros do sistema familiar, quando em desajustes podem levar ao adoecimento, principalmente em crianças que ainda estão em fase de desenvolvimento podendo assim desencadear a ansiedade infantil.

No que tange a influência da estrutura familiar, nesta análise compreendeu-se que a causalidade do desenvolvimento da ansiedade infantil, está relacionada aos ciclos vitais familiares. Quando a família passa por períodos de mudança são necessários ajustes nos padrões de funcionamento atual para que a unidade familiar permaneça com maior funcionalidade, quando isso não ocorre pode haver disfuncionalidades podendo levar ao desenvolvimento da



ansiedade na infância. Entende-se, portanto, que o adoecimento, ou não, está diretamente ligado ao nível de flexibilidade da família em se adaptar diante das alterações da vida.

Com relação a proposição de identificar os elementos da dinâmica familiar que possam contribuir para o desenvolvimento da ansiedade infantil, alguns elementos foram encontrados como possíveis ocasionadores de disfuncionalidades, quando não estabelecidos na unidade familiar de maneira adequada. Entre eles citam-se as regras e normas, a comunicação e as interações conjugais desajustadas e disfuncionais. Todas as famílias possuem regras e normas em sua composição, elas servem para delimitar os limites e expectativas nas relações familiares, delineando também os papéis que cada um ocupa dentro da família, as regras denotam como cada situação dentro do sistema familiar irá acontecer, por isso quando as regras não são nítidas e flexíveis, o papel que devem desempenhar ficará comprometido. As hierarquias quando extremamente rígidas não permitem o desenvolvimento da autonomia em seus membros o que prejudica na construção do processo de individualização, e as interações conjugais desajustadas e disfuncionais podem impactar diretamente a saúde emocional e física dos filhos. Situações como essas são consideradas como estressores e podem levar ao surgimento da ansiedade na infância.

Diante da análise apresentada, a partir dos estudos realizados é possível inferir que a estrutura familiar disfuncional contribui para o desenvolvimento da ansiedade infantil. Os saberes produzidos também contribuem para a compreensão de como a interação entre os membros da família podem favorecer para o desenvolvimento de sintomas antigênicos em crianças.

O presente estudo proporcionou a possibilidade de aprofundar conhecimentos sobre os assuntos como família e ansiedade infantil, contribuindo com possibilidades de ampliação das investigações, sugere-se como ponto de partida verificar a ligação entre a estrutura familiar em crianças já diagnosticadas com TAI, aprofundando assim o Transtorno de Ansiedade Infantil e o seu diagnóstico.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-V**: Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ASSIS, S. G. D. *et al.* **Ansiedade em crianças**: um olhar sobre transtornos de ansiedade e violências na infância. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

CASTILLO, A. R. G. L. *et al.* Transtornos de ansiedade. **Rev. Bras. Psiquiatr.** v. 22, n. 2, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbp/v22s2/3791.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CESAR, C. C. F. **A vida das famílias e suas fases: desafios, mudanças e ajustes.** 2020. Disponível em: <http://www.familia.med.br/imagens/file/A%20vida%20das%20familias%20e%20suas%20fases.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2020.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, v. 17, n. 36, p. 21-32. 2007.

DIAS, M. O. Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica o processo de comunicação no sistema familiar. **Gestão e Desenvolvimento**, Portugal, v. 19, 139-156, 2011. Disponível em: [http://z3950.crb.ucp.pt/biblioteca/gestaodesenv/gd19/gestaodesenvolvimento19\\_139.pdf](http://z3950.crb.ucp.pt/biblioteca/gestaodesenv/gd19/gestaodesenvolvimento19_139.pdf). Acesso em: 10 set. 2020.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Entrevista Familiar Estruturada (EFE): um método clínico avaliação das relações familiares.** São Paulo: Caso do Psicólogo, 2005.

FERRIOLLI, S. H. T.; MARTURANO, E. M.; PUNTEL, L. P. Contexto familiar e problemas de saúde mental infantil no Programa Saúde da Família. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 251-259, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rsp/v41n2/5806.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

GALPERIM, F. **Clima familiar e comportamento agressivo entre pares na infância.** 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JANSEN, M. D. C. C. **Saúde mental e estrutura familiar: o lugar do sofrimento psíquico grave.** 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2007.

LEÃO, L. C. A.; FERREIRA, V. R. T.; CENCI, C. M. B. Avaliação clínica de relações familiares com a utilização da entrevista familiar estruturada (EFE): estudo de caso. **Advances in Health Psychology**, v. 22, n. 1, p. 1-7, 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/view/4528>. Acesso em: 10 ago. 2020.

LEUSIN, J. F.; PETRUCCI, G. W.; BORSA, J. C. Clima Familiar e os problemas emocionais e comportamentais na infância. **Revista SPAGESP**, v. 19, n. 1, p. 49-61, 2018.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATOS, M. B. D. *et al.* Eventos estressores na família e indicativos de problemas de saúde mental em crianças com idade escolar. **Ciênc. saúde coletiva**, 2015, v. 20, n. 7, p. 2157-2163. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v20n7/1413-8123-csc-20-07-2157.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2020.

- MILANEZ, C. M. *et al.* O funcionamento familiar na saúde emocional e psicológica de crianças e adolescentes. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, v. 13, n. 47, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/download/1905/3117.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MINUCHIN, P.; COLAPINTO, J.; MINUCHIN, S. **Trabalhando com famílias pobres**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- MIOTO, R. C. T. Família e saúde mental: contribuições para reflexão sobre processos familiares. **Katálysis**, Florianópolis, n. 2, p. 20-26, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/5573/4974>. Acesso em: 26 maio 2020.
- MOTTA, M. D. C. **Teoria sistêmica e família, pontos e contraponto: XV Jornadas de Investigación y Cuarto Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur**. Facultad de Psicología. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2008.
- PRODANOV, C.C.; FREITAS, E.C.D. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale. 2013.
- SCHUTZ, M. **As contribuições da participação da criança no trabalho de terapia familiar**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Terapia Relacional Sistêmica) - Familiare Instituto Sistêmico, Florianópolis, 2008.
- SILVA, N. C. B. *et al.* Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. **Temas em Psicologia**, v. 16, n. 2, p. 215-229, 2008.
- SOARES, B.; COLOSSI, P. M. Transições no ciclo de vida familiar: a perspectiva paterna frente ao processo de transição para a parentalidade. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 48, p. 253-276, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/6942>. Acesso em: 26 ago. 2020.
- STAMM, M.; MIOTO, R. C.T. Família e cuidado: uma leitura para além do óbvio. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Paraná, v. 2, n. 2, p. 161-168, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/5539>. Acesso em: 10 jun. 2020.